

# Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira  
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

## Os aparelhos psíquicos em Freud: a evolução de uma hipótese. Uma colaboração ao estudo da metapsicologia<sup>1</sup>

Luiz Antônio Bocchino de Toledo<sup>2</sup>, Ribeirão Preto.

**Resumo:** O autor delinea, resumidamente, a evolução das concepções do aparelho psíquico em Freud, desde suas proposições iniciais até os modelos formulados, ao final da sua obra, e que configuram a sua Teoria Metapsicológica. Nesse percurso, encontra a ideia de uma integração possível entre os diferentes modelos, considerando as elaborações finais do aparelho psíquico como uma expansão do aparelho inicial concebido por Freud.

**Palavras-chave:** metapsicologia; concepções freudianas do aparelho psíquico; primeira e segunda tópicos.

Nos seus primeiros escritos, Freud expôs conflitos entre ideias e desejos antagônicos, desenvolvendo a partir daí sua teoria dos afetos. Até 1911, quando estudou o caso Schreber, ele aceitava implicitamente e depois explicitamente a classificação das pulsões adotada pelos biólogos que as derivavam das duas ânsias básicas dos seres vivos: a fome e o amor. Então as pulsões fundamentais eram a de autoconservação e a sexual. A primeira visava à sobrevivência pessoal e a segunda à conservação da espécie. A energia das pulsões sexuais (a primeira a ser estudada por ser a mais plástica) foi logo designada como libido e a das pulsões de autoconservação foi posteriormente chamada de interesse ou de necessidade.

O conflito, então, era descrito entre as pulsões do *ego* (nome adotado, em 1910, para designar as pulsões de autoconservação), localizadas na consciência, e as sexuais que lutavam para se

---

<sup>1</sup>A primeira versão deste trabalho foi apresentada e discutida em 08/08/98, em Uberlândia, MG. Reapresentado e rediscutido em 14/10/98 no, então, Grupo de Estudos Psicanalíticos de Ribeirão Preto, SP.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto. (in memoriam).

realizarem. As chamadas pulsões do *ego* (*ego* nesta altura tem o sentido de consciente) constituiriam as forças repressoras e as sexuais, as reprimidas.

Quando percebeu que, no psiquismo, as Fantasias eram tomadas como fatos e com a descoberta do *complexo de Édipo*, Freud substituiu a teoria da sedução traumática pelas fantasias como causa principal das neuroses. Ao dedicar-se a pesquisar os sonhos, portanto passar do estudo do patológico para o do normal, permitiu-se montar um modelo de aparelho psíquico para o entendimento do funcionamento mental do homem comum e concentrou-se mais nos aspectos psicológicos.

Para os sonhos, conseguiu imaginar o seguinte trajeto que os criaria: um desejo inconsciente, forçando sua expressão, utilizava resquícios de vivências do dia anterior ou de outros próximos, encontráveis no pré-consciente. Após organizá-los utilizando os mecanismos do processo primário, vigentes no inconsciente, apresenta-os à consciência pelo caminho da regressão. Isso faz o sonho parecer, ao sonhador, como que vindo de fora, como sendo uma percepção. No entanto um sonho é uma vivência interna.

Os sonhos seriam tentativas de realização de desejos a serviço da preservação do sono. Com eles ficou definido como se dá a conscientização: o inconsciente transferiria energia para o pré-consciente e, utilizando os restos mnêmicos dos dias anteriores, criaria a alucinação, precursora da fantasia. Esta hipótese da transferência dentro do aparelho guiou-o para o posterior entendimento das transferências entre aparelhos psíquicos de pessoas diferentes.

Tanto o sonhar como o fenômeno da transferência visariam a reorganizar experiências emocionais, buscando aumentar as possibilidades de satisfação. Os dois conceitos básicos da teoria psicanalítica, a repressão e a transferência, começam a mostrar sua importância que só fez crescer até hoje.

No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, Freud elabora seu primeiro modelo de aparelho psíquico. Durante toda a sua vida, ele foi tentando clarear esse aparelho e seu funcionamento, definindo-o e redefinindo-o constantemente. A hipótese de um aparelho psíquico

servia-lhe para explicar-nos como funciona o homem. Aqui descreveu-o como possuindo um inconsciente, um pré-consciente e um consciente. O funcionamento dessas situações foi mais bem descrito no artigo “Os dois princípios do funcionamento mental” (1911b). O processo primário, vigente no inconsciente, apresentaria livre deslocamento e livre condensação das ideias, ausência do NÃO = sem configuração espacial definida e atemporal. Nele a realidade interna (psíquica) prepondera sobre a externa. O processo secundário que regeria o pré-consciente e a consciência teria como características principais o levar em consideração o tempo, o espaço e os símbolos, isto é, as delimitações que permitiriam a existência dos processos de fantasiar e de pensar. No processo secundário, a realidade externa também é levada em conta.

O aparelho psíquico ficaria entre uma excitação que poderia provir do organismo ou de fora dele e uma descarga que ocorreria para o organismo. Segundo Freud, o aparelho psíquico era movido a *Trieb* (traduzido por pulsão), as contínuas excitações internas. Inicialmente definia os *Triebes* como forças mitológicas que se localizavam entre o corpo e a mente e que cobriam que esta última funcionasse. Logo, as pulsões de autoconservação e a sexual cobravam um aparelho funcionante, a fim de satisfazer as necessidades e os desejos do ser.

As pulsões apareceriam neste primeiro aparelho psíquico como ideia e quota de afeto, isto é, prenúncios de vivências (relações com objetos) que gerariam representações e afetos, após acontecerem.

Essas vivências deixariam como resultado marcas mnêmicas com afetos, gravadas na memória do aparelho: as que fossem satisfatórias seriam os chamados de desejos, e as desprazerosas seriam evitadas, a saber, reprimidas e/ou projetadas. A sinalização para tal seria dada pelos afetos que seriam percepções da parte das quotas de afeto que se descarregariam, para dentro do corpo, quando do encontro da ideia com o objeto (mãe), criando a representação. Essas descargas, percebidas como afetos, seriam secretoras ou vasomotoras. Logo os afetos seriam os agentes do princípio

do prazer que governará os mecanismos de defesa do aparelho psíquico, buscando livrá-lo de desprazeres. Além dessas descargas para o interior do organismo, outras descargas podem ocorrer para a musculatura, gerando a motilidade corporal (interna e externa) e por fim a fala e, com esta, o processo secundário.

As pulsões, representadas no primeiro modelo de aparelho, seriam: no inconsciente *representação-coisa*, isto é, imagens indefinidas, representativas das sensações, e na pré-consciência/consciência aquelas imagens seriam definidas ao serem associadas a palavras, a saber, símbolos que as denominam e, com isso, as delimitam, criando a chamada *representação-palavra*.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/1976), encontramos um protótipo dessas vivências formadoras dos desejos: descrevendo um bebê ao mamar pela primeira vez e registrando com isso não só uma sensação de satisfação alimentar, como também o despertar do prazer, isto é, da pulsão sexual que surgiria apoiada na pulsão de autoconservação.

O conceito de *apoio (anáclise)* servirá, também, para explicar, posteriormente, o desenvolvimento do *ego* e do *superego* do bebê nos artigos de Freud: “Introdução ao narcisismo” (1914/1976), “Luto e melancolia”(1917/1976), “Psicologia das massas e análise do *ego*”(1921c/1976) e “O *ego* e o *id*”. (1923/1976)

O *ego* do bebê elaborar-se-ia apoiado no da mãe, constituindo-se, para o bebê, numa unidade: o *ego ideal*. Ao se perceber separado dela, sentindo que toda a potência não lhe pertence, mas sim a ela, o bebê criaria um *ideal* de *ego* que introjetaria (primeiro objeto introjetado) e que seria o núcleo do *superego*.

Logo, as primeiras relações a serem estabelecidas pelo bebê seriam as identificações, iniciadas na fase de *ego ideal*. Como o *id* “... sente as tendências eróticas como necessidades”, ao ocorrer a perda, teríamos como resultado que “... o caráter do *ego* é um precipitado de catexias objetais abandonadas”; ex-catexias do *id/ego* indiferenciado (Freud,1923, 1976 p. 43).

Portanto, as identificações seriam as relações de objeto das pulsões de autoconservação, estabelecidas emocionalmente

e iniciadas antes da percepção, pelo bebê, da separação de seu *eu* do *não eu* (mãe). Aquilo que em Psicanálise costumamos chamar de *relações de objeto* seriam as realizadas através do *ego*, após a separação deste, a partir do *id/ego* indiferenciado. Das relações de objeto partiram os estudos de Fairbairn, Melanie Klein, Balint e vários outros.

As identificações corresponderiam, no campo psíquico, às trocas que ocorrem no campo físico através da respiração, alimentação etc., as quais constituem o organismo a partir de substâncias externas. Elas não são substituídas pelas relações de objeto; continuam existindo concomitantemente com estas. As relações emocionais (realizadas pelas identificações) são as relações básicas entre os seres humanos. Lacan partiu da ideia de um aparelho psíquico moldado pela estrutura daquele da mãe.

O aparelho psíquico transformaria quantidade física em qualidade psíquica e estabeleceria caminhos associativos entre as representações. A característica revolucionária dos aparelhos psíquicos descritos por Freud é que ele deslocou o centro do psiquismo humano, até então colocado por outros na consciência, para o inconsciente. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, em sua natureza mais íntima. Ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo exterior e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações dos órgãos dos sentidos (Freud, 1900/1976).

Somente a transformação das *representações-coisa* em *representações-palavra* permitiria que surgisse a consciência. Freud descobriu, clinicamente, que quem permite que essa conexão se dê ou força a desconexão através da repressão, são os afetos. Daí concluiu que as relações emocionais são não só as primeiras, mas as mais fundamentais.

Para explicar como o que está inconsciente pode tornar-se consciente ou como tomamos conhecimento de algo, Freud usou como arcabouço o mecanismo do sonhar: deduziu que é o fenômeno da transferência gerando afetos vividos no aqui e agora que permite que ideias inconscientes sejam conscientizadas.

Esse primeiro esquema de aparelho descrito permitiu-lhe entender as *neuroses de transferência* ou *psiconeuroses* (histeria de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva) e nos explicar o que pensava estar ocorrendo nelas. Acreditava que as representações eram separadas dos seus afetos correspondentes e reprimidas: para fora, criando as fobias, nas histerias de angústia; para partes do corpo, nas histerias de conversão e para outras representações, na neurose obsessiva.

Dessa explicação ficaram de fora as chamadas *neuroses atuais* (neurastenia, neurose de angústia e hipocondria) que mais tarde ele percebeu não serem tão diferentes das anteriores, mas suas precursoras. (Reich aprofundou-se no estudo das neuroses atuais).

Ao começar a estudar a homossexualidade (com a vida de Leonardo da Vinci) e a paranoia (no caso Schreber), deparou-se com o fenômeno do narcisismo. Pensou-o como uma regressão a uma etapa evolutiva que descreveu no artigo “Introdução ao Narcisismo” (1914). Os conflitos que até então eram entendidos intrapsiquicamente, na oposição entre duas pulsões, a de autoconservação e a sexual, foram deslocados para a relação. Passou a descrever uma situação de prevalência entre a *libido do eu* e a *libido de objeto*. O segundo conflito que Freud passou a estudar não eliminou o primeiro, apenas complementou a observação e o entendimento das situações.

A consciência seria baseada na percepção e alimentada pela memória. As memórias seriam duas: a herdada, da raça, nas identificações, e a adquirida com a experiência do viver (relações de objeto). A primeira seria reprimida (repressão primária) abrindo espaço para o surgimento da consciência. A etapa inicial da vida de um recém-nascido também seria reprimida, posteriormente (repressão secundária).

A repressão secundária, tornando inconsciente a primeira infância, quando vivemos os irrealizáveis desejos pré e edipianos, buscaria abrir espaço para os desejos realizáveis da vida real. Isso desde que as vivências tenham sido suficientes para o desenvolvimento de um *ego* forte e de um *superego* não esmagador.

... “a normalidade é o resultado da repressão de certas pulsões componentes e constituintes da disposição infantil e da subordinação das restantes constituintes sob a primazia das zonas genitais” ... (Freud, 1905/ 1976, pág. 277).

Freud acreditava que seguir a segunda lei de Jesus Cristo (*amar ao próximo como a ti mesmo*) era quase impraticável, mas, segundo sua própria fórmula, considero que se houver um saudável desenvolvimento da sexualidade, não somente é possível, como também é até agradável. Um equilíbrio entre a libido do Eu e a do objeto é o momento exato onde a relação sexual torna-se um grande prazer orgástico. Para isso é necessário poder conceituar, para si mesmo, que a realização do prazer carnal está acima da realização de qualquer prazer sublimado. É evidente que as invejas, os ciúmes e as culpas das situações pré e edipiana devem ser bem elaborados antes disso.

As percepções seriam gravadas na memória. A ação conjunta da percepção e da memória, presente e passado, nos geraria a noção de continuidade e de tempo.

Um bebê no útero estaria numa situação que Freud denominou de situação autoerótica. A vivência do parto é uma passagem de um ambiente líquido para um gasoso, com diferença na pressão atmosférica e entrada em ação da força gravitacional. Além disso surge a necessidade de respiração, alteração da circulação cardíaca para a passagem do sangue pelos pulmões e mudanças na audição, no olfato, no tato, na visão e no paladar, isto é, em todas as fontes de sensações. Isso levaria o recém-nascido a voltar sua libido, que estava na periferia, para o centro do ser, configurando a situação de narcisismo primário.

Isto é, o *ego* em última análise deriva das sensações corporais, principalmente das que se originam das superfícies do corpo. Ele pode ser assim encarado como uma projeção mental da superfície do corpo, além de, como vimos acima, representar as superfícies do aparelho mental (Freud, 1923/1976 p. 40, nota de rodapé).

A sensação de desamparo, de desagregação, surgida no nascimento, indutora do narcisismo primário seria o modelo de todas as demais sensações que despertam pânico.

O protótipo de vivência propiciadora de desenvolvimento no campo das pulsões de autoconservação, para a situação de desamparo, seria o aconchego que substitui o “*continente uterino*” e facilitaria a integração do *eu*. Seria a realização de uma necessidade de contenção e o despertar de um novo desejo erótico: o de união consigo e com o outro. A este colo físico deve corresponder um psíquico. (Winnicott com seu conceito de *holding*, Bion com o de *continente* e o de “*rêverie*” e Kohut com o de *self-objeto empático* aprofundaram o estudo desse prisma). É o olhar que vê o bebê como uno que o integra (Lacan escreveu sobre isso).

No princípio Freud estudou as dificuldades de a libido manifestar-se e realizar-se. Ao aprofundar-se na *Metapsicologia* (que é a teoria das transformações psíquicas, levando em conta que o inconsciente é a realidade psíquica fundamental), caminhou para o que se convencionou chamar de segunda tópica.

Nessa trajetória Freud deixou de ser o observador, que vinha sendo desde seus tempos de neuroanatomista, para perceber-se como participante do fenômeno. A Psicanálise saiu da situação em que um (o terapeuta) observava o outro (o cliente) para uma nova configuração onde dois seres interagem emocionalmente. Então a transferência e a contratransferência passaram a ocupar o centro dos estudos dos psicanalistas.

Em 1920, Freud começou a expor o arcabouço da segunda tópica no artigo: “Além do princípio do prazer” (1920/1976). Então reuniu todas as pulsões anteriores no que denominou de *pulsão de vida* ou *Eros*. Caberia a esta alimentar o aparelho psíquico para governar o viver. Conceituou, também, uma pulsão silenciosa atuando na célula, portanto biológica, sem representação psíquica, que levaria o ser humano para sua inexorável destruição e que denominou de *pulsão de morte*.

As forças agregadoras de Eros, a pulsão de vida, seriam basicamente narcisistas e as desagregadoras, a pulsão de morte,

seriam naturalmente antinarcistas. As pulsões, para Freud, sempre se encontrariam fusionadas em variadas proporções. A interação dialética delas caracterizaria os fenômenos da vida. Sua desfusão, quando exagerada, causaria liberação de agressividade, pois Eros deixaria de limitar a pulsão de morte, desintegradora.

A agressividade é, na maioria das vezes, estudada só no seu aspecto destrutivo. Precisamos vê-la, também, como construtiva. Um ser vivo, por exemplo, precisa fixar e assumir limites, como também, para a sua sobrevivência, destruir outros seres vivos para alimentar-se e/ou defender-se.

Ao se aprofundar no estudo da estruturação do *ego*, Freud abriu oportunidade para percebermos que o problema da fusão/desfusão, melhor dizendo agregação/desagregação, coloca-se aqui também, isto é, nas identificações estabelecidas entre os aparelhos psíquicos (Melanie Klein e seus seguidores desenvolveram isso).

O aparelho psíquico ficou definido em 1923, no artigo “O ego e o id” (1923/1976), como constituído por um *ego* que congrega a consciência, a pré-consciência e a inconsciência derivadas do corporal e do relacional; um *id* trazendo a herança arcaica biológica e que conteria as pulsões de vida e de morte; e um *superego* filho da cultura, isto é, dos pais e de seus substitutos. Agora libido passou a significar a energia de Eros, e Freud voltou a afirmar que a repressão também é inconsciente, o que já havia pensado no artigo: “As neuropsicoses de defesa”. (1894a/1976).

Como vimos as pulsões teriam fontes somáticas que as geram e nutrem. Elas buscariam objetos que as satisfaçam, e estes objetos são variáveis. Desses encontros nasceria e desenvolver-se-ia o aparelho psíquico. Este serviria para tentar dar sentido e direção às necessidades e aos desejos do humano. Isso ocorreria partindo de seus componentes inatos e dentro das possibilidades do meio em que foi gerado, nasceu e cresceu. Esse sentido fica na dependência da sua relação com os objetos, internos e externos.

As irredutíveis pulsões parciais, vigentes no inconsciente, deveriam ser organizadas sob a égide da genitalidade, sublimadas ou mantidas sob repressão.

O equilíbrio entre as partes componentes do aparelho e nas relações de objeto é o que caracterizaria o eficiente uso da consciência, que é o poder moderador, regido pelo processo secundário, com o pensamento.

A diferença principal do primeiro aparelho para o último é que neste a relação psicossomática fica muito mais evidente. As pulsões que no primeiro só apareciam como representação, no final estão localizadas no *id*, o polo pulsional do aparelho. A pulsão de morte é definida como uma tendência destrutiva biológica e silenciosa, e a de vida como uma tendência a gerar organismos pluricelulares e a uni-los. Na identificação, criadora do *ego* e do *superego*, toda a cultura da família é integrada ao ser que está se estruturando física e psiquicamente.

Em meu entender, Freud partia das sensações corporais para as representações e emoções psíquicas e vice-versa. Isso não invalida que visse as manifestações somáticas e as psíquicas como dois registros diferentes.

O aparelho psíquico final de Freud parece-me ser uma expansão do inicial. O novo *ego* englobaria praticamente o primeiro aparelho e a ele foram acrescentados o *id*, que passou a abrigar as pulsões e as profantasias (a cena primária, a sedução e a castração e depois, para Tausk e Rank, o retorno ao seio materno), e o *superego* fundado pelo *Ideal do ego* e contendo as relações estabelecidas pelas vivências do *complexo do Édipo*. Este modelo, mais completo, permitiu-nos um melhor entendimento das perversões, das doenças psicossomáticas e das psicoses que dependem das condições do *ego*.

Após o advento da *segunda tópica*, Freud passou a centrar sua atenção na estruturação do *ego* (agora já com seu novo significado) e no entendimento da agressividade, deixando de lado o estudo das necessidades. Andrade (1976) estudou esse particular.

As perturbações no campo do narcisismo são atualmente as mais encontráveis e estudadas pelos psicanalistas. Acredito ser porque a agitação da vida atual impede que as *funções materna e paterna* sejam convenientemente exercidas.

Estou chamando de *função materna* aquilo que resulta

em um padrão de funcionamento caracterizado pelo prazer, pela sensualidade, pela ludicidade, pela intimidade e pela espontaneidade. Sua expressividade se exerce de preferência na relação bastante indiscriminada entre a mãe e o bebê. A *função paterna* é caracterizada por adotar uma acentuada separação entre a mãe e o bebê e entre o consciente e o inconsciente, o que permite abstrair, organizar e controlar o processo psíquico. Leva aos deveres, aos princípios abstratos e, principalmente, encaminha a situação edípica (Toledo, 1996).

De outro prisma, o objetivo da Psicanálise centra-se, também, no aumento da autoestima que Freud conceituava como partindo da onipotência do *id*, que deveria ir sendo transformada em potência pelo *ego*, trazendo com isso o amor do *superego* (objeto interno) e culminando com o amor do objeto externo.

Esse é o trabalho realizado pelo *ego* que lida com as três frentes com as quais está intimamente ligado: com *id*, do qual é uma modificação; com *superego* que é uma parte sua e com a realidade externa com a qual estruturou-se e relaciona-se. O corpo é tido como externo para o aparelho psíquico, daí o designarmos com pronomes possessivos.

O homem freudiano é um ser dividido e conflitado inexoravelmente. Os desejos, derivados de contínuas exigências provindas das suas pulsões parciais, levam-no a buscar o impossível, isto é, a atingir aquela nirvânica e mítica situação de *ego ideal*. Enquanto isso, silenciosamente, a pulsão de morte continua a realizar seus objetivos.

---

**Nota do editor:** Não foi possível o detalhamento das referências utilizadas pelo Autor. Assim, foram consideradas as referências gerais (data de publicação original), porém as referências atualizadas dos livros e artigos utilizados pelo Autor não puderam ser confirmadas.

## **Los aparatos psíquicos en Freud: la evolución de una hipótesis - Una colaboración al estudio de la metapsicología.**

**Resumen:** El autor presenta un resumen al respecto de la evolución de las formas en que se concibe el aparato psíquico en Freud, desde las proposiciones iniciales hasta llegar a los modelos formulados al final de su obra, lo que configura su Metapsicología. En ese recorrido, encuentra la idea de una integración posible entre los distintos modelos, teniendo en cuenta las elaboraciones finales del aparato psíquico como siendo una expansión del aparato inicial que Freud ha presentado.

**Palabras Clave:** Metapsicología; concepciones freudianas del aparato psíquico; primera y segunda tópicos.

## **The psychic apparatus in Freud: the evolution of a hypothesis - A contribution to the study of the metapsychology.**

**Abstract:** The author briefly outlines the evolution of the conceptions of psychic apparatus in Freud, as from his initial propositions up to the models formulated in the end of his work and that configure his Metapsychology. In this route, he finds the idea of a possible integration among the different models, taking into consideration the final elaborations of the psychic apparatus as an expansion of the initial apparatus conceived by Freud.

**Keywords:** Metapsychology; Freudian conceptions of the psychic apparatus; First and Second Topical.

## **Referências:**

Andrade, V. M. (1976). Identificação projetiva e instinto de morte. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 10(4).

Freud, S. (1976). As neuropsicoses de defesa. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol.3, Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1894a).

Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vols. 4-5. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1976). Três ensaios sobre a sexualidade infantil. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol.7, Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1976). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol.12, Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1911b).

- Freud, S. (1976). À guisa de uma introdução ao narcisismo. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. 11, Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976). Luto e Melancolia. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol.12, Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1917c).
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol.18, Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1976). Psicologia das massas e análise do ego. In: S. Freud *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol.18, Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1921c).
- Toledo, L. A. B. (1996). *Sexualidade e sublimação*. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30(4), p.933.

### Obras Consultadas

- Andrade, V. M. (1978). Identificação projetiva e instinto de morte. Parte II. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 12(3), p.347.
- \_\_\_\_\_. (1979). O quarto golpe: a ação recíproca dos instintos de vida e de morte na gênese do fenômeno social. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 13(3), 355-370.
- \_\_\_\_\_. (1981). Análise e síntese. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 15(2), 89-102.
- \_\_\_\_\_. (1983). Narcisismo original: aspectos teóricos e clínicos; um estudo metapsicológico da gênese da atividade mental. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 17(4), 489-506.
- \_\_\_\_\_. (1988). O universo sem palavras: o conceito psicanalítico de afeto. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 22(2), 251-273.
- \_\_\_\_\_. (1993). *Psicanálise de amplo espectro: a teoria estrutural e os rumos atuais e futuros da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1995). Psicanálise, psicoterapia e transferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 29(2), 365-380.
- \_\_\_\_\_. (1996). Superego, narcisismo e cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30(2), 385-405.
- \_\_\_\_\_. (1996). Sexo e vida em Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30(4), 799-820.
- \_\_\_\_\_. (1998). Afeto e pensamento: uma compreensão metapsicológica. Trabalho apresentado no Segundo Encontro de Psicanálise de Ribeirão Preto, re-

alizado pelo Grupo de Estudos de Psicanálise de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto.  
Eksterman, A. J. (1985). *A metapsicologia de Freud: posfácio à edição brasileira de “Neuroses de transferência: uma síntese”, de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.  
Freud, S. (1974). *The Standard Edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis.  
Nagera, H. (org.). (1970). *Conceitos psicanalíticos básicos da teoria da libido, teoria dos sonhos, teoria dos instintos e metapsicologia, conflitos, ansiedades e outros temas*. São Paulo: Cultrix.

**Editora:** Maria Lucimar Fortes Paiva